

PROCEDIMENTOS AVALIATIVOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM: O PONTO DE VISTA DOS DISCENTES DO CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS DA UFPI

Yara Silvyia Albuquerque Pires

Instituto Federal do Piauí/Campus Parnaíba

yara_silvyia@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

Este estudo busca investigar a concepção dos alunos sobre os procedimentos avaliativos elaborados e aplicados pelos professores do curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Piauí-UFPI, na cidade de Teresina, Piauí. O propósito deste trabalho foi levantar informações, a partir de depoimentos dos alunos, sobre quais os principais instrumentos avaliativos utilizados pelos professores das diversas disciplinas que compõem a matriz curricular do curso de Licenciatura e Bacharelado em Ciências Biológicas da UFPI, e como estes elaboram e aplicam tais instrumentos de avaliação da aprendizagem.

Situações relatadas pelo corpo discente sobre o comportamento de alguns professores frente ao processo avaliativo e aos procedimentos por eles empregados para avaliar a aprendizagem instigou essa investigação para conhecer melhor a opinião dos alunos sobre os procedimentos avaliativos aos quais são submetidos no decorrer da vida acadêmica.

Esta é uma pesquisa qualitativa, pois segundo Lüdke e André (1986, p.18) “o estudo qualitativo [...] é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”, considera-se que este estudo atende a essas características.

Desta forma, esta pesquisa foi dirigida aos alunos do curso de Ciências Biológicas da UFPI e utilizou-se o questionário aberto como instrumento de coleta de dados no período de julho a setembro de 2005. Foram distribuídos 100 questionários aos alunos regularmente matriculados e cursando as disciplinas, desse total foram devolvidos 70 questionários respondidos, correspondendo a 12,75% dos alunos regularmente matriculados nas duas modalidades do curso. Os alunos foram escolhidos de forma aleatória e procurou-se aplicar os questionários entre aqueles que estavam pelo menos no quarto período do curso. Os discentes

foram orientados para que não assinassem os questionários a fim de preservar sua identidade e optou-se por identificá-los através de letras. Os questionários foram analisados e agrupados levando-se em consideração aspectos como atitudes do professor e avaliação do discente em relação aos procedimentos avaliativos.

A importância desse estudo, que se insere dentro de um contexto de formação inicial de professores, pode ser justificada por dois motivos: o primeiro está no fato de que pesquisas sobre a docência no ensino superior e práticas dos professores desse nível de ensino ainda são incipientes, sobretudo no curso de Biologia da UFPI, o outro motivo é que os discentes de Licenciatura em Ciências Biológicas estão sendo preparados para exercerem a docência. Embora a formação do bacharel não tenha como objetivo a formação docente, este estudo torna-se imprescindível também para os alunos dessa modalidade do curso, pois muitos deles se deparam com a realidade da profissão docente quando se tornam professores das instituições de ensino superior.

Trabalhar conteúdos e aplicar conhecimentos de didática em todas as disciplinas que formam a matriz do curso de Ciências Biológicas da UFPI seria essencial tanto para a formação de licenciados como de bacharéis, pois os professores acabam sendo espelhos para seus alunos quando estes iniciam a sua vida como docente. Campos (2007, p. 43) afirma que o professor ao se deparar com a docência traz consigo “[...] modelos que crêem “verdadeiros” e seus papéis são espelhados em antigos professores”. Essa idéia também é sustentada por Pimenta e Anastasiou (2003) quando afirmam que a prática docente vem carregada de experiências que o docente adquiriu como aluno de diferentes professores, permitindo-lhe formar modelos positivos ou negativos na construção da sua identidade de professor.

1 REFLETINDO SOBRE ENSINO, APRENDIZAGEM E AVALIAÇÃO

O ensino sempre supervalorizou a transmissão e a reprodução dos conhecimentos transmitidos pelo professor, e esta, é uma prática freqüente no ensino superior. Hoffmann (2006a) chama a atenção para os cursos de formação de professores que permanecem com características tradicionais visando apenas a instrução e a classificação, não reconhecendo a importância do ensino superior e da universidade para o estudo e a troca de experiências e de idéias.

Almeida (2002) em pesquisa cujo objetivo era levantar informações sobre as práticas pedagógicas de professores de uma instituição de ensino superior constatou que a maioria do corpo docente da instituição de ensino pesquisada continua adotando uma didática basicamente pautada na transmissão de conhecimentos, destruindo no aluno a vontade de estudar e de buscar novos saberes.

Os docentes do ensino superior, através da utilização de práticas pedagógicas sempre repetitivas e tradicionais e que estimulam a passividade e a memorização, contribuem em manter o aluno como um ser passivo no processo de ensino e aprendizagem. É necessário que os professores do nível superior de ensino entendam que

[...] o discente dos cursos superiores não é mais (ou não deveria ser, pelo menos) o aluno dos cursos médios, conduzidos, tradicionalmente, a reproduzir aquilo que lhe é transmitido na sala de aula, com raras oportunidades à crítica e à participação efetiva no processo que, afinal de contas, constrói aquilo que ele sabe [...] (OLIVEIRA, 1999, p. 67).

A formação dos alunos do ensino superior tem sido feita em um ambiente reprodutivo e instrucionista em que conhecimentos são transmitidos de um professor detentor de uma verdade absoluta para um aluno sem conhecimentos e sem experiências. Demo (2005, p.71) caracteriza o ambiente instrucionista como um local em que geralmente “professores que não produzem conhecimento próprio repassam aos alunos conhecimento alheio”, sendo, portanto duplamente reprodutivo tanto no docente como no discente.

A universidade tem como função modificar esse cenário da educação superior buscando junto ao seu corpo docente meios para promover um processo de ensino e aprendizagem que permita ao aluno desenvolver seu senso crítico, trabalhar sua criatividade e sua capacidade de relacionar os conhecimentos das diversas disciplinas do curso com a profissão que irá exercer despertando nesse aluno a vontade de buscar novos conhecimentos, conscientizando-o de que ele é o centro do processo educativo. Cabe à universidade formar profissionais críticos, criativos e dinâmicos, pois é nesse espaço que se busca formar profissionais éticos, competentes, cultos e detentores de conhecimentos que possam ser construídos e reconstruídos no âmbito social.

Campos (2007) entende a universidade como um espaço de mudanças, de rupturas e de socialização do saber, pois permite que os conhecimentos sejam elaborados, reinventados,

reconstruídos, constituindo-se, assim, em um espaço de investigação e de desenvolvimento intelectual.

O ensino na universidade constitui-se um processo de geração de valores, idéias, saberes, onde o aluno deve ter autonomia para construir, elaborar, reelaborar e buscar novos conhecimentos e onde o processo de ensinar e de aprender é visto como o resultado de um trabalho de equipe entre professor e alunos, em que ambos trabalham juntos em torno dos mesmos objetivos, trabalho que terá seus reflexos no desenvolvimento e na construção do meio social a partir da formação de profissionais críticos e cidadãos. Pimenta e Anastasiou (2003) afirmam que “ensinar na universidade exige uma ação docente diversa da tradicionalmente praticada”.

O docente deve ter consciência que o seu papel, no processo de ensino e aprendizagem, é o de mediador entre aluno e conhecimento, já que professor e aluno são parceiros e co-autores desse processo que

[...] pressupõe o compromisso com a aprendizagem do (da) aluno (a), por isso não pode se resumir a dar aulas, a expor conteúdos. [...] o (a) professor (a) deve criar situações que levem o (a) aluno (a) a pensar, questionar, posicionar-se, analisar, sintetizar, elaborar, construir, criar, produzir, pesquisar, buscar soluções, estabelecer relações, desenvolver hábitos, atitudes, valores, sentimentos. Sem dúvida, essas aprendizagens demandam preparo e compromisso por parte do (a) professor (a). (PASSOS, 2004, p. 87).

O processo de ensino e aprendizagem exige do docente a adoção de atitudes que promovam o desenvolvimento de competências e habilidades baseado num processo de mediação em que o professor deixa de lado a função de disciplinar e passa a educar o aluno a partir de um trabalho pautado na orientação, pois de acordo com Demo (2005, p. 35) orientar é

[...] motivar, solicitar, convidar, empurrar, mas não decidir, atrelar, impor[...]; orientar tem como finalidade convencer o aluno de que o professor não pode pensar, elaborar, pesquisar, argumentar pelo aluno – este é que deve colocar o pé na estrada e reconstruir conhecimento próprio.

A literatura e as pesquisas em educação apontam um distanciamento entre o que seria considerado como condição ideal, segundo alguns teóricos, para a construção e aquisição de conhecimento no processo de ensino e aprendizagem e os mecanismos de construção do conhecimento na sala de aula, sobretudo no processo avaliativo. Esse distanciamento diz respeito principalmente aos critérios e aos instrumentos utilizados para avaliar a aprendizagem.

Fazer da avaliação uma aliada na construção e na aquisição de conhecimento durante o ensino e a aprendizagem exige que esta seja entendida como um processo gradual que subsidia o trabalho docente, e cuja finalidade é verificar as dificuldades do discente e não apenas apontar seus erros, mas para que isso ocorra torna-se necessário estabelecer vínculos entre a avaliação e o sucesso no desempenho do aluno que deve ter consciência da importância do seu envolvimento no processo avaliativo. Para que a avaliação seja entendida, pelo aluno, como um processo construtivo e coletivo, é importante que o professor tenha concepções de avaliação diferentes daquelas que são comuns no ensino superior, ou seja, são avaliações que buscam apenas a classificação do discente.

Nesta mesma perspectiva, Catrib et al. (2003) enfatizam que a avaliação não deve ser tarefa exclusiva do professor e que sua liderança e relacionamento com o grupo serão fundamentais para que a avaliação tenha êxito ou não.

Compreender a avaliação como uma prática contínua e como uma etapa importante do processo de ensino e aprendizagem favorece o crescimento mútuo de professores e alunos. O crescimento do docente está no fato de que o ato de avaliar constitui-se como uma prática que auxilia seu trabalho didático permitindo uma reflexão sobre o mesmo, um replanejamento de suas aulas, aprimorando-as com meios pedagógicos que facilitem a aprendizagem do discente, quanto ao aluno, a avaliação possibilita o seu crescimento quando ele é desafiado pelo professor para superar suas dificuldades, seus anseios e medos, sentimentos que são comuns e estão presentes no processo de formação, de construção e de busca de novos conhecimentos. Nascimento e Mota (2004, p. 818) enfatizam a idéia acima, quando afirmam que a avaliação da aprendizagem

[...] deve ir além da simples aplicação de provas e testes estereotipados. Ao docente serve para valorizar o que acontece quando ele põe em prática o programa que planeja, para verificar se é preciso modificar ou não atuações. Ao aluno dá a oportunidade de ser ele um elemento ativo permitindo-lhe avaliar as

próprias atividades, a fim de adquirir conhecimentos, sobretudo, de ajudá-lo no reconhecimento da sua cidadania.

O papel mediador do docente e a avaliação mediadora no ensino superior são elementos que caminham juntos nesse processo de construção e reconstrução de idéias e conhecimentos que o ambiente da educação superior pode e deve proporcionar ao seu aluno.

É importante repetir que não se pode falar de rigor no processo avaliativo na universidade sem destacar o papel mediador do professor. A avaliação mediadora pressupõe compromisso de ambas as partes: do professor em desafiar e orientar permanentemente o aluno para que progrida em seus estudos, do aluno em assumir o desafio e tornar-se gradativamente autônomo em sua aprendizagem — uma alternância de interlocutores que muitas vezes deixa de ocorrer em virtude do anonimato do aluno imerso nos grandes grupos, dos professores horistas e apressados, dos trabalhos em grupo que escamoteiam aprendizagens individuais. (HOFFMANN, 2006b, p. 67).

A prática avaliativa não deve ser entendida como um meio de classificar e de comprovar o rendimento do aluno, e sim, como um instrumento para mostrar a qualidade do próprio ensino e sua responsabilidade nas mudanças pelas quais o aluno passou durante seu processo de formação. (PAIVA, 2002).

A avaliação, sendo uma das fases da atividade didática que envolve o ato de ensinar, deve fornecer informações para que o ensino, de acordo com Nadal e Leão (2002, p. 76), seja “revisto em função de seus resultados e é nesse procedimento que a avaliação se situa: auxilia a pensar, a planejar e a replanejar a prática didática”. É nesse sentido que se encaixa, também, a auto-avaliação, prática ainda tratada com indiferença e tão pouco utilizada no cenário educativo, mas que quando trabalhada com seriedade e compromisso pode ser uma aliada no processo educativo devido a sua função mediadora que permite um constante diálogo entre professor e aluno, no que diz respeito ao fazer pedagógico.

Um ensino de qualidade exige professores comprometidos com o ato de educar, e no qual estão inseridos o binômio ensino e aprendizagem e os processos avaliativos, pois educar não é apenas transmitir e adquirir conhecimentos, mas, sobretudo, é tornar possível ao educando seu crescimento como pessoa e como cidadão.

2 AVALIANDO A AVALIAÇÃO

No estudo realizado percebeu-se o quanto a avaliação ainda tem um caráter classificatório e até mesmo de punição e de ameaça nas diversas disciplinas do Curso de Ciências Biológicas da UFPI. Essa concepção de avaliação, que visa apenas a memorização dos conteúdos, acaba sendo refletida na elaboração e na aplicação dos instrumentos de avaliação da aprendizagem.

A análise das respostas dos alunos (71,4% dos discentes) apontou somente aspectos negativos quanto a forma como os procedimentos de avaliação são elaborados e aplicados por seus professores. Os depoimentos ilustram essa idéia:

Os professores precisam estar cientes de que o ensino é dinâmico e não repetitivo para que, assim, o aluno esteja mais motivado. (ALUNO A)

A maioria dos professores não consegue trazer questões interessantes ou que avalie todo o conhecimento da disciplina. Às vezes parece brincadeira de criança: o que é, o que é?... (ALUNO B)

Um importante fato apontado por dois discentes entrevistados é a utilização da avaliação, por alguns professores, como instrumento de punição, perseguição e castigo. Essa situação é manifestada nas respostas dos alunos:

[...] alguns professores são autoritários e tratam esse assunto como uma punição para os alunos. (ALUNO C)

Alguns professores utilizam as avaliações como instrumentos de tortura, perseguição e castigo [...] e não como uma alternativa de perceber como seu aluno está. (ALUNO D)

Luckesi (1998) enfatiza a idéia exposta nos depoimentos dos discentes quando ele afirma que a avaliação da aprendizagem é usada para disciplinar o aluno, e o medo passa a fazer parte do processo avaliativo, o que caracteriza fortemente a avaliação tradicional.

Os depoimentos acima ao tratarem da postura adotada pelos docentes, podem ser resumidos por Demo (2005) ao afirmar que a relação de poder que o professor estabelece com o aluno faz parte de um ambiente de instrução e de reprodução de saberes.

Outro aspecto apontado pelos discentes foi em relação à valorização da nota e a memorização do conteúdo, por parte da maioria do corpo docente, não havendo preocupação com

o nível de aprendizagem do aluno. Esse aspecto do processo avaliativo é ilustrado pelos depoimentos:

As questões das avaliações deveriam puxar mais do conhecimento do aluno e não ter questões decorativas que só mostram que o aluno decorou todo o assunto. (ALUNO E)

Muitos procedimentos de avaliação visam somente a decoração de informações e não o aprendizado, pois há preocupação apenas com a nota. (ALUNO F)

Garcia (2003) enfatiza os depoimentos acima expostos ao afirmar que o aluno perde o “prazer de aprender” quando reduz sua aprendizagem e seu estudo à memorização de conceitos e respostas consideradas corretas pelo docente, pois seu objetivo principal é tirar boas notas nas provas.

Quanto à atribuição de notas, esta ainda é uma prática muito comum, confundindo a prática de avaliar com os tradicionais exames que tinham como objetivo a classificação do aluno, marcando profundamente o ato de avaliar. Hoffmann (2006a) aponta que na maioria dos cursos de formação de professores a avaliação tem essa função classificatória, pois são realizadas por professores conservadores que medem o desempenho e a aprendizagem do aluno através de números sem explicitar os critérios utilizados no processo avaliativo.

Analisando as respostas dos alunos (cerca de 27,1% do corpo discente) observa-se que estes consideram aspectos negativos no processo de elaboração e aplicação dos procedimentos de avaliação da aprendizagem: a postura tradicional do professor, a falta de criatividade para elaborar os procedimentos avaliativos diferentes daqueles utilizados freqüentemente, como seminários e provas objetivas e dissertativas, as provas mal elaboradas e compostas de perguntas irrelevantes e a abordagem de conteúdos que não foram explicados durante a aula.

Essa falta de compromisso do docente com o processo avaliativo e, sobretudo com a aprendizagem do discente é manifestada nos depoimentos dos alunos:

[...] é comum aqui na Biologia cobrar o que o que não se deu [...] o professor “saltita” sobre uma transparência e pede em suas avaliações até as notas de rodapé do livro adotado, e cobra coisa que não explica. (ALUNO G)

Deixam muito a desejar sendo necessárias outras formas que explorem a criatividade e o conhecimento do aluno em relação à disciplina. (ALUNO H)

Os instrumentos ou procedimentos de avaliação devem estar de acordo com o tipo de habilidade que se deseja avaliar no aluno. Coimbra (2002) ressalta que instrumentos avaliativos que não são adequados para avaliar as habilidades que se espera que o educando tenha desenvolvido podem fornecer resultados errados ao avaliador, pois a deficiência está no instrumento de avaliação e não no aluno que apenas refletem as conseqüências desses instrumentos mal elaborados.

Abreu e Masetto (1980 apud OLIVEIRA, 2001, p. 111) argumentam que “o planejamento precário das provas, elaboração defeituosa dos itens, impropriedade no se optar pela técnica e ao empregá-la para medir o que não é capaz, limitam seu uso”.

Apesar da grande maioria dos relatos terem sido negativos observamos que alguns depoimentos ressaltaram o quanto os procedimentos de avaliação são bem elaborados e a preocupação do professor com o andamento e o resultado final da sua disciplina.

As formas de avaliação utilizadas são boas. (ALUNO I)

Muitos professores são de fato preocupados com o resultado de suas disciplinas. (ALUNO J)

Observou-se, a partir desse estudo, que os principais instrumentos de avaliação aplicados pelos docentes e as concepções dos alunos do Curso de Ciências Biológicas da UFPI sobre os procedimentos avaliativos elaborados e aplicados pelos docentes das diversas disciplinas que formam a matriz curricular do curso são:

- Os procedimentos avaliativos mais utilizados pelos professores do Curso de Biologia da UFPI são: prova dissertativa, prova objetiva, prova prática, fichamento, resenha de livros, artigos e seminário. Na pesquisa realizada percebeu-se a utilização, em demasia, do seminário como forma de avaliar;
- A grande maioria dos discentes (71,4% dos alunos pesquisados) mostrou-se insatisfeita e apontou somente aspectos negativos quanto a forma como os procedimentos de avaliação são elaborados e aplicados por seus professores;
- A avaliação é utilizada por alguns docentes como instrumento de punição, perseguição e castigo;
- Há uma valorização da nota e da memorização do conteúdo, por parte da maioria do corpo docente;

- A maioria dos professores tem uma postura tradicional, não são criativos na elaboração dos procedimentos avaliativos utilizando sempre aqueles instrumentos comuns na prática do docente do ensino superior, como seminários e provas objetivas e dissertativas;

- As provas são mal elaboradas e compostas de perguntas irrelevantes e abordam conteúdos que não foram explicados durante a aula;

Os procedimentos de avaliação devem ter o significado de diagnose do processo de ensino e aprendizagem, fornecendo dados ao professor sobre o crescimento pessoal do aluno e a sua capacidade de criar e produzir conhecimentos, o que reflete diretamente na sua história, pois práticas pedagógicas baseadas nesse princípio não terão como objetivo apenas a formação de mais um profissional para o mercado de trabalho, e sim a formação de um profissional competente e atuante no seu meio social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conhecer a opinião dos alunos quanto à elaboração e aplicação dos procedimentos avaliativos utilizados para verificar a sua aprendizagem possibilitou reconhecer a importância da formação pedagógica para o exercício da docência e para o desenvolvimento de competências necessárias às situações de ensino e aprendizagem, ideia que ultrapassa o valor que se dá à quantidade de títulos de qualquer professor, e chama a atenção para a importância, para a seriedade e para a valorização do ato de ensinar, das práticas pedagógicas e dos saberes docentes. Identificar as dificuldades enfrentadas pelos discentes na realização da auto-avaliação e a frequência com que realizam essa prática, permite verificar se o ambiente e o contexto educativo em que o aluno está desenvolvendo as habilidades e as competências exigidas para a sua formação têm como objetivos o desenvolvimento da sua autonomia, o despertar da sua curiosidade e a valorização das suas ideias e do seu crescimento intelectual.

A postura autoritária e tradicional ainda adotada por docentes do ensino superior, a falta de criatividade na elaboração e aplicação dos procedimentos avaliativos, não reconhecendo a sua real significância no processo de ensino e aprendizagem, a desvalorização de práticas pedagógicas criativas que instigam o aluno a pensar e a construir conhecimentos e de práticas como a auto-avaliação que permitem ao aluno tornar-se consciente do seu crescimento intelectual

e da sua formação integral, leva à discussão a importância da formação pedagógica e conseqüentemente de todos os fatores intrínsecos a ela, como a avaliação, o processo de ensino e aprendizagem, os indivíduos envolvidos nesse processo.

È função da universidade, enquanto instituição social e política e espaço de socialização, construção e reconstrução de conhecimentos, possibilitar a formação do discente enquanto pessoa e profissional sugerindo que para ser professor nesse nível de ensino não basta a titulação, mas que o docente traga consigo recursos que são necessários para o exercício de uma docência comprometida com a formação do aluno.

Conhecer a realidade da educação superior, principalmente no que diz respeito aos modelos de ensino e de avaliação adotados nesse nível da educação, a partir dos depoimentos dos alunos, torna-se fundamental para que os professores reflitam sobre a sua prática evitando atitudes e posturas que desnorream o processo de aprendizagem e que trazem conseqüências e reflexos negativos na formação desses alunos como profissionais e como pessoas.

Estudos que dão voz aos alunos com o objetivo de se conhecer uma realidade em que eles são sujeitos ativos têm permitido que os mesmos expressem a sua indignação e insatisfação com o contexto educativo do qual fazem parte, com a postura autoritária e instrucionista dos professores, lutando por um espaço que respeite seus interesses, suas idéias, suas opiniões e o seu direito de aprender. Partindo desta perspectiva torna-se fundamental para a prática docente que o professor perceba a leitura que o aluno faz de seu trabalho pedagógico para que as deficiências sejam superadas e a sua prática seja melhorada a fim de alcançarem juntos os mesmos objetivos.

O docente do ensino superior que interage com sua instituição de ensino e se envolve num processo de avaliação com sentido pedagógico e formativo apropria-se de meios que melhoram sua atuação no ensino e garantem uma aprendizagem significativa e um ambiente de liberdade acadêmica e intelectual para professores e alunos.

Diante dos desafios que o ato de educar e de avaliar coloca aos educadores torna-se necessário reconhecer a importância da avaliação no processo pedagógico para que juntos, aluno e professor, reflitam, cresçam e passem por mudanças que serão significativas para o processo de ensino e aprendizagem e para que o professor seja um aliado do aluno nesse processo de formação, de construção de novos conhecimentos e de desenvolvimento de habilidades e de competências.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alzira Jerônimo de Melo. O professor e a valorização de sua atividade docente. In: FELTRAN, R. C. S. (Org.). **Avaliação na educação superior**. São Paulo: Papirus, 2002.

CATRIB, Ana Maria Fontnelle et al. Avaliação educacional: o compromisso com a qualidade. **Gest. Ação**, Salvador, v. 6, n. 1, p. 33-41, jan./jun. 2003.

CAMPOS, Casemiro de Medeiros. **Saberes docentes e autonomia dos professores**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

COIMBRA, André Luiz Martins. Revendo a avaliação dos repetentes na universidade. In: FELTRAN, R. C. S. (Org.). **Avaliação na educação superior**. São Paulo: Papirus, 2002. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho pedagógico).

DEMO, Pedro. **Universidade, aprendizagem e avaliação: horizontes reconstrutivos**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2005.

GARCIA, Regina Leite. A avaliação e suas implicações no fracasso/sucesso. In: ESTEBAN, M. T. (Org.). **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HOFFMANN, Jussara. Avaliar para promover: compromisso deste século. In: DEMO, P. et al. **Grandes pensadores em educação: o desafio da aprendizagem, da formação moral e da avaliação**. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006a.

_____. **O jogo do contrário em avaliação**. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2006b.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 1998.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência pedagógica do professor universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MENGA, Lüdke; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986. (Temas básicos de educação e ensino).

NADAL, Beatriz Gomes; LEÃO, Terezinha J. E. Avaliação do ensino e da aprendizagem: um processo correlacional. **Espaço Pedagógico**, Passo Fundo, v. 9, n. 1, p. 75-81, jul. 2002.

NASCIMENTO, Raimundo Benedito do; MOTA, Francisco de Assis de Alencar. Avaliação educacional – considerações teóricas. **Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 44, p. 810-830, jul./set. 2004.

OLIVEIRA, Cláudia Chueire de. Dimensão instrumental. In: BERBEL, N. A. N. (Org.). **Avaliação da aprendizagem no ensino superior**: um retrato em cinco dimensões. Londrina: UEL, 2001.

OLIVEIRA, Gerson Pastre de. Avaliação da aprendizagem nos cursos superiores: uma discussão sobre a relevância da qualidade. **Rev. Educ. Ensino**, Bragança Paulista, v. 4, n. 1, p. 63-69, jan./jun. 1999.

PAIVA, Luiz Fernando Ribeiro de. O emprego da avaliação emancipatória na universidade. In: FELTRAN, R. C. S. (Org.). **Avaliação na educação superior**. São Paulo: Papirus, 2002. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho pedagógico).

PASSOS, Carmensita Matos Braga. Docência no ensino superior: exigências e carências. In: ALBUQUERQUE, L. B. (Org.). **Cultura, currículo e identidades**. Fortaleza: Editora UFC, 2004.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. G. C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002. (Coleção Docência em Formação).